



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### A CULTURA MATERIAL RETRATADA NOS EX-VOTOS DO SANTUÁRIO DO BOMFIM: COMUNICAÇÃO, FÉ E CULTURA POPULAR

Genivalda Cândido da Silva<sup>††</sup>  
(UFBA)

José Cláudio Alves de Oliveira<sup>‡‡</sup>  
(GREC/NPE)

#### RESUMO

A pesquisa objetiva tecer estudo sobre o significado da cultura material perante o ato da fé, da devoção e do pagamento de promessas no Santuário do Bomfim, local que é conhecido como um semióforo da cultura popular brasileira. A partir de questionamentos em relação a exposição da sala de milagres, em que os objetos expostos propiciam uma troca de saberes, tradições e comunicações abrangendo a arte popular como um meio comunicativo entre o objeto material o espaço a sala de milagres e os visitantes.

**PALAVRAS-CHAVE:**Ex-votos; Cultura Material, Sala de Milagres, Comunicação.

#### INTRODUÇÃO

#### O OBJETO COMO SIGNIFICADO DE CULTURA MATERIAL

A história da Cultura Material sempre fez parte da vida do ser humano. Porém, no passado, antes de Cristo, nas eras denominadas pré-históricas (idade da Pedra, Idade do Bronze e Idade do Ferro), o termo não possuía nome ou definição. De acordo com a enciclopédia Eny Einaudi (1989), na verdade, o próprio

---

\* Museóloga. Mestranda do PPGMUSEU da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista FAPESB. Integrante do GREC/NPE e Projeto Ex-votos do México.

\* PhD em Cultura e Comunicação Contemporânea. Professor da UFBA. Coordenador e Orientador do Projeto Ex-votos do México. Coordenador do GREC/NPE – Grupo de estudos sobre Cibermuseus e Núcleo de Pesquisa dos Ex-votos.

††

‡‡



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

significado de Cultura Material levou vários anos para ser construído, firmado e compreendido. Inclusive, entre os pensadores que, de grosso modo, trabalharam acerca da definição ou compreensão do termo, analisando de forma concreta; epistemológica e empiricamente dados que pudessem levar à uma definição que pudesse dar significado ao termo.

Então, na enciclopédia Einaudi (1989), ao ser exemplificadas as metodologias e modos aplicados para se chegar a tal compreensão, vemos referenciados vários nomes, que tratam de forma singular o mesmo estudo; Marx, por abordar do assunto baseando-se em documentações econômicas de todas as formas e classes sociais; o arqueólogo Boucher de Peters com o estudo fundamentado nos objetos criados em pedra, encontrados sob ossadas em escavações, os antropólogos sob o ponto de vista da pesquisa etnográfica das civilizações e dos objetos produzidos por estas, na medicina, o referencial é Darwin, com os seus estudos sobre a evolução das espécies, este a partir do estudo empírico; na enciclopédia Einaudi (1989), “*tais estudos eram denominados de exame existente de realidades tangíveis*”. (Enciclopédia EINAUDI. 1989, p. 7)

Ainda assim, com tantos pensadores, pesquisadores empenhados em entender e explicar a importância dos objetos para a vida humana, e o que tais fragmentos ou artefatos de um passado remoto poderiam informar sobre a *nossa história e sobre as civilizações antigas*; o desvelar do termo demorou a ser concretizado, apresentando assim durante muito tempo uma ideia vaga e imprecisa, que só tomou corpo e sentido definitivo reconhecido como *Cultura Material*, no ano de 1919, na Rússia, em um decreto elaborado por Lênin - fundador do estado Soviético e líder da revolução que tinha por objetivo a construção do socialismo no país - denominado Akademïia Istorïia Material' noiKul' turv.

Tal decreto é explicado na enciclopédia Einaudi (1989),



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

(...) representa uma marca na história da noção que, terminada a fase de elaboração, alcança a maturidade. Além disso, a criação deste instituto por parte dos marxistas mais intransigentes e, portanto, num contexto político dos mais difíceis, confirma clamorosamente a ligação que sempre existiu entre a ideia de cultura material, o socialismo em geral e o marxismo em particular. Por fim, esta data sanciona um facto relativamente novo, o ingresso oficial da noção no campo da história (o decreto de Lenine fala de «história» da cultura material; enquanto dantes as principais ciências humanas tinham participado na sua gestação, a cultura material, com instrumento intelectual acabado, passará a ser objecto de história. (enciclopédia EINAUDI. 1989, p. 7).

Observamos que tal explicação reverbera sobre a importância do estudo baseado em objetos, para nos dizer mais a respeito à imensa maioria numérica de uma coletividade estudada, ou seja, a partir do estudo de um objeto podemos traçar perfis e modos de vidas, compreendemos a sua própria existência, a sua presença como “cultura”.

O objeto da cultura material dedica-se, a observar de preferência aquilo que na coletividade é estável e constante e que, como tal passa a caracterizar em vez da sucessão de fatos diversos, procura os fatos que se repetem suficientemente para serem interpretados como hábitos, tradições reveladoras da cultura que se observa, em uma comunidade, sociedade ou coletividade. (enciclopédia EINAUDI. 1989, p. 15).

Talvez por ser um significado tão vasto interdisciplinarmente no campo epistemológico e rico em interpretações, é que foi de difícil explicação por parte dos pesquisadores.

### **HISTÓRIA DO PASSADO QUE TRANSCORRE PARA O PRESENTE.**

Temos um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não interrompe nunca, que é por nos conservado perenemente



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

presente em nossas memórias, lembranças e, por meio de objetos e culturas materiais ou não, por isso mesmo, muitas vezes não permitimos o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto - no presente vivido - único modo de vida. De acordo com Marilena Chauí (2001),

(...) se refere a um momento passado imaginário, tido como instante originário que se mantém vivo e presente no curso do tempo, isto é, (...) visa a algo tido como perene (quase eterno) que traveja e sustenta o curso temporal e lhe dá sentido, (...) pretende situar-se além do tempo, fora da história, num presente que não cessa nunca sob a multiplicidade de formas ou aspectos que pode tomar. Não só isso. A marca peculiar é a maneira como ela põe a transcendência e a imanência do momento fundador: a fundação aparece como emanando da sociedade (em nosso caso, da nação) e, simultaneamente, como engendrando essa própria sociedade (ou a nação) da qual ela emana. (CHAUÍ. 2001, p. 5-6).

Nossa construção social é baseada no passado, nas culturas e culturas materiais do passado. Geralmente quando se comenta de algo, alguém ou fato, naturalmente assimilações são feitas, ou por famílias, por lugares ou fatos *históricos*. A verdade é que somos seres do passado vivendo paralelamente um presente passado com noções e desejos futuros. Chauí (2001) determina essa forma de ver o mundo como mito fundador, como é explicado,

O mito fundador oferece um repertório inicial de representações da realidade e, em cada momento da formação histórica, esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna (isto é, qual o elemento principal que comanda os outros) como da ampliação de seu sentido (isto é, novos elementos vêm se acrescentar ao significado primitivo). Assim, as ideologias, que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimentam-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica. É exatamente por isso que, sob novas roupagens, o mito pode repetir-se indefinidamente. (CHAUÍ. 2001, p. 7)



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Falaremos aqui da memória, da cultura, não apenas como foi definido e explicado muito bem por Chauí (2001), porém, trataremos de tais termos sob duas formas peculiares; como uma interpretação do patrimônio e da cultura popular que vem se (re) significando e se (re) interpretando ao longo dos séculos, acrescentando e incorporando novas roupagens a sua definição.

### **SANTUÁRIO DO SENHOR DO BOMFIM, SEMIÓFORO DÁ FÉ**

O histórico do Santuário do Bomfim vem de muito tempo atrás. Não é tido como uma fábula ou um *mito – lenda-*, mas um fato real. Tal histórico é um fato decorrente dos relatos de acontecido a um Capitão de Mar e Guerra – Theodózio Rodrigues de Faria, no ano de 1740, que vindo de Portugal para a então colônia portuguesa (Brasil) passou por forte tormenta em alto mar, temendo por sua vida e pela vida de sua tripulação e das naus que faziam parte do comboio marítimo, recorreu ao seu santo de fé, o Senhor do Bom Fim de Setubal de Portugal, que saindo ileso de tal fúria da natureza, iria erguer um templo em sua homenagem no local mais alto onde o templo pudesse ser visto por quem assim chegasse pelo mar ou terra.

O pedido foi aceito pelo Senhor do Bom Fim de Setubal, e, no mesmo ano uma ermida foi erguida em agradecimento. Porém, à época, as construções arquitetônicas não eram construídas tão rapidamente e com tamanha facilidade, como o é no século XXI. A pequena edificação foi finalizada para recebimento da imagem do *Santo Protetor* no ano de 1945, nove anos após a promessa e a chegada do devoto a Cidade do Salvador.

De acordo com Carvalho Filho (1923) a imagem trazida era “*uma imagem semelhante e esculpida em cedro com um metro e dez centímetros de altura*”, e sobre a alocação da imagem na ermida Carvalho Filho (1923) narra sua chegada como “*a imagem do Senhor do Bomfim, em grande solenidade, foi colocada em exposição à*

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

*adoração de fiéis na Capela*”, observando que na adaptação e (re) significação da imagem, do culto e da fé, o Santo adquiriu uma nova roupagem – nome; Bom Fim para Bomfim; como foi trabalhado por Chauí (2001), porém sem perder a sua áurea.

Com o passar do tempo cresceu cada vez mais a devoção e os milagres creditados ao Senhor do Bomfim, e em favor dos que a *Ele* recorriam nos momentos de suas aflições e dores, viu-se a necessidade de realizar ampliações ao local. As obras na capela tomaram efervescência, e assim, foram acrescentadas torres ao local, que tiveram finalização em 1772, como informa Carvalho (1915) *com a construção das torres, tornou-se necessário a edificação de uma estrutura que as ligasse à sala da Sacristia e à sala dos Milagres, construindo assim varandas laterais à nave, que foi destinado a abrigar os devotos e romeiros.* (CARVALHO FILHO. 1915, p. 37)

Nesse momento, podemos afirmar que a capela do Bomfim adquiriu características de um Santuário de Peregrinação, seja pela sua arquitetura, seja pela localização e implantação, seja pela sua significação ou pelo valor simbólico que é acrescentado a mesma. No ano de 1926 a igreja recebeu o título de Basílica menor pelo Papa Pio XI. Em 2012, a Basílica do Bomfim recebeu a titulação de Patrimônio Cultural e da Humanidade.

Bem, de certo que a devoção, o pagamento de promessas, a Lavagem do Senhor do Bomfim, e todos os signos que nos remetem a atualmente Basílica e ao Santo, tomaram novos rumos, ao santuário e a fé ao padroeiro, foram acrescentados valores que não podem ser medidos por sua materialidade, mas sim por sua força simbólica, um *semióforo*.

De acordo com Chauí um *semióforo* é:

Um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica: uma simples pedra se

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

for o local onde um deus apareceu, ou um simples tecido de lã, se for o abrigo usado, um dia, por um herói, possuem um valor incalculável, não como pedra ou como pedaço de pano, mas como lugar sagrado ou relíquia heróica. Um semióforo é fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação. (CHAUÍ. 2011, p, 9).

E podemos completar o sentido e significado da palavra, direcionando pertinentemente para o Santuário do Bomfim, de acordo com explicações da mesma autora (Idem)

Um semióforo é, pois, um acontecimento, um animal, um objeto, uma pessoa ou uma instituição retirados do circuito do uso ou sem utilidade direta e imediata na vida cotidiana porque são coisas providas de significação ou de valor simbólico, capazes de relacionar o visível e o invisível, seja no espaço, seja no tempo, pois o invisível pode ser o sagrado (um espaço além de todo espaço) ou o passado ou o futuro distantes (um tempo sem tempo ou eternidade), e expostos à visibilidade, pois é nessa exposição que realizam sua significação e sua existência. É um objeto de celebração por meio de cultos religiosos, peregrinações a lugares santos, representações teatrais de feitos heróicos, comícios e passeatas em datas públicas festivas, monumentos; e seu lugar deve ser público: lugares santos (montanhas, rios, lagos, cidades), templos, museus, bibliotecas, teatros, cinemas, campos esportivos, praças e jardins, enfim, locais onde toda a sociedade possa comunicar-se celebrando algo comum a todos e que conserva e assegura o sentimento de comunhão e de unidade. (CHAUÍ. 2001, 9).

A idealização e criação de tal templo sempre foi acrescido de fé, promessas e milagres como o são o povo desta terra colonizada.

### **A SALA DE MILAGRES A EXPOSIÇÃO E A COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DA CULTURA MATERIAL DOS EX-VOTOS.**

Desde sempre, sabemos que há a necessidade da comunicação, pelos gestos, pela escrita, pela oralidade, pela arte ou outros meios expositivos. A palavra



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

comunicação de acordo com Rodrigo Vilalba (2006, p.5), deriva do termo latino *comunicare* e significa “tornar comum”, “associar”. Assim, pode-se dizer que comunicar é a ação social de tornar comum, é o processo que possibilita a compreensão mútua e o estabelecimento de relações de interferência entre indivíduos e grupos mediados ou influenciados por diversos fatores. O processo de comunicação envolve a formação e a apresentação de sentidos e permite, assim, o desenvolvimento de todas as práticas e manifestações sociais e culturais.

Como foi discutido em tópico anterior, o Santuário do Bomfim, ficou conhecido não apenas pela fé e simbolismo no Santo, mas também pelos milagres acometidos pelo seu padroeiro. E para se manter o registro de todas as graças e milagres alcançadas, foi necessário a construção de uma sala de milagres, fato esse mencionado em tópico anterior. Porém para se ter uma melhor noção do que estamos nos referenciando, explicaremos melhor o nome e o significado do objeto, e a sua interação com o local.

Bem, o termo *ex-voto* advém do substantivo masculino, e se refere a objetos que possuem variadas definições tipológicas, dentre as quais estão inseridos os formatos os gêneros, tamanhos, especificidades singulares e que são utilizados para realizar o pagamento de promessas feito ao santo de devoção no momento de aflição, perigo, desespero, e ou, medo como foi o caso do fundador da Basílica do Bomfim. O pagamento se dá com a desobriga do artefato em igrejas, cruzeiros, capelas, grutas, ou locais aos quais milagres foram reconhecidos, e, em muitos casos creditados.

Desta forma Luis Beltrão (1971, apud Maynard Araújo 1964) explica que o *ex-voto* “é comum, no meio rural, os moradores, quando não conseguem algo racionalmente, buscarem no sobrenatural o reforço para a realização dos seus intentos”. Porém, Luiz Saya (1944) vai mais a fundo na explicação e significado do objeto *ex-votivo*,



## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A tradição do ex-voto remonta à mais afastada antiguidade. Às vezes surge como troféu de guerra deposto, após a violência, no altar do deus protetor; troféu que tanto podia ser arma ou insígnia como cabeça do inimigo. Outra firma, e esta até hoje bem viva na tradição católica de qualquer parte do mundo, consiste em pagar uma promessa relativa a doença ou desastre com objetos que lembrem o pedido feito: muletas, representação da parte doente, peças de vestimento, etc., Esculápio, célebre médico da antiguidade recebia daqueles a quem curava a reprodução do braço, perna ou cabeça do doente. (SAYA. 1944, 10.)

Outro pesquisador do tema que faz menção ao objeto como uma cultura sempre existente na vida do homem é o folclorista Luís da Câmara Cascudo (1965), ele lembra que *“as promessas amontoadas nos templos de Apolo em Delfos, de Diana em Éfeso, ou as três mil estelas atestadoras dos milagres de RabbatTanit em Cartago.*

Como pudemos compreender tais objetos, são ícones da cultura popular material, e sempre estiveram presentes na história do homem. Como um elo comunicacional entre o mortal e o divino. Não somente nos momentos difíceis, mas também, nos momentos de festejos, de agradecimentos. (Figura 1).

**Figura 1.**



Tipologias variadas de objetos ex-votivos na sala

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

de milagres.  
Imagem Banco de Dados do Projeto Ex-votos do  
México.

A sala de milagres do Santuário do Bomfim, por si, já é um local sagrado, mesmo sem a presença de outros signos para atestarem tal fato. Pois é parte de da idealização e agradecimento de uma promessa. Ela é alocada no corredor lateral direito da nave central da Basílica, de tamanho razoável e com boa ventilação, tem duas portas de acesso, uma pelo próprio corredor e outra que dá acesso ao presbitério, possui duas janelas, portanto a iluminação é natural; mas mantém um traço de sua originalidade, um castiçal com muitos pendentes, que durante o dia não chama tanta atenção, porém ao anoitecer quando ligado, é de grande beleza e efeito, o contraste da iluminação refletindo nos objetos expostos e o próprio teto da sala ganha um no ar e efeito estético de chamar a atenção de visitantes, fiéis e pesquisadores. Figura 2.

**Figura 2.**



Teto da sala de milagres. Efeito da luz sobre os objetos ex-votos.

Imagem Banco de Dados do Projeto Ex-votos do México.

O ambiente é repleto de variadas tipologias ex-votivas, que além dos tradicionais já supracitados, também recebem cartas, fotografias com narrativas da

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

intervenção divina, raio X, quadros pictóricos que em alguns casos a ilustração é realizada como uma narrativa do fato (figura 4), objetos em madeira, cerâmica, as tradicionais fitinhas do Bomfim, os objetos produzidos em larga escala (parafina, gesso) representando cabeças, pernas, braços, coração; os zoomorfos, cavalos, boi, porcos, etc.; miniaturas de casas, barcos, carros, chaves; os mais inusitados como jóias, mechas de cabelos, muletas, coletes cervicais, óculos, dentre tantas outras tipologias encontradas e aqui não relacionadas.

**Figura 4.**



Quadro pictórico com narrativa da graça.  
Imagem Banco de Dados do Projeto  
Ex-votos do México.

Bem, observamos que o ambiente não possui uma organização expositiva como há em um museu; que possui uma preocupação eminente no momento de conceber uma exposição. Pois, as exposições museológicas visam estabelecer um sistema comunicacional, com lógica e sentido próprio, relacionando os fatos e os objetos da cultura material, para que a mesma dialogue não apenas com o visitante mas também entre si. Porém tal sistema não é realizado na sala de milagres. As peças são colocadas por agentes que zelam pelo ambiente, ou mesmo pelo fiel que vai ao recinto quitar seu débito com o divino.

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Não há uma preocupação de alocação de objetos por tipologias, cronologia, sérios, materiais ou formatos. O que mais se adéqua a uma possível comunicação entre as peças são as expostas no teto; todas de produção industrial (larga escala) em parafina representando partes do corpo humano e seus órgãos internos, também é possível encontrar casas, carros e chaves, raramente, mas há. Figura 3.

**Figura 3.**



Tipologias de partes do corpo humano, todas em parafina, presas ao teto da sala de milagres por fio de náilon.

Imagem: Banco de Dados do Projeto Ex-votos do México.

Neste sentido, ao pensarmos em uma exposição, podemos entendê-la como um texto, com uma infinidade de conexões que se relacionam e propiciam aos visitantes variados tipos de leituras, mas tal conexão não é habilitada na sala de milagres. A comunicação da sala de milagres não segue normas, padrão ou sentido pré-estabelecido por quem realiza a alocação dos ex-votos no espaço.

Comprendemos que a comunicação da sala de milagres é livre, pois o visitante que adentra o espaço para observar e interagir como os objetos expostos, a depender do repertório de cada observador e das histórias de vida de cada um, poderá acontecer a leitura, mesmo esta não sendo uniforme, pois cada um buscará

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

dar um sentido mais adequado para si, a partir de seu contexto de vida, vemos aqui um fenômeno de significação e um processo de comunicação pertinentes ao local.

No momento em que passamos a considerar a comunicação não mais como um sistema fechado dentro do plano tradicional da comunicação: emissão recepção, mas sim, como um processo dinâmico que implica em retroalimentação, encarando a comunicação entre os objetos e o visitante como um acontecimento em permanente construção, então questionamo-nos sobre como ultrapassar os limites estáticos da exposição, para que se haja uma comunicação mais característica ao ambiente, que ela seja entendida por ela mesma. Que os objetos falem por si mesmo como é afirmado por EnyEinaudi (1989) em Cultura Material, *“se repetem suficientemente para serem interpretados como hábitos, tradições reveladoras da cultura que se observa. (EnyEinaudi. 1989. p. 15).*

### CONCLUSÕES

O que nos podemos concluir com tal estudo, e, que ainda está em desenvolvimento, é de que, apesar dos ex-votos serem compreendidos como também, objetos da cultura material que carregam em si toda uma ancestralidade comunicativa - artística de fé e de valorização cultural, estando ligado à manifestação popular sendo esta integrada aos ritos sagrados de devoção que persistem ao tempo e são (re) significados na forma do pagamento de promessas, porém mantêm-se vivas. Tais manifestações, ao agruparem valores estéticos da cultura popular transportam os seus ideais comunicativos para todos, de forma simples, sublime e hegemônica, compartilhando conhecimento essencial das tradições do passado. A familiaridade com os objetos, ou a falta dela, será, portanto, responsável pelo entendimento da mensagem que é transmitida na sala de milagres a partir das referências simbólicas de cada expectador.



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### REFERÊNCIAS

- ALCEU MAYNARD. In: **Comunicação e Folclore**. Luis Beltrão. p. 144. 1971.
- CARVALHO FILHO, José Eduardo Freire de. **A Devoção do Senhor Bom Jesus do Bomfim e Sua História**. 2 ed. Salvador. Reimprimatur. Imprensa Oficial. Bahia, 1923. p. 37-50.
- ENI EINAUDI, Enciclopédia. *Cultura Material*. Lisboa. 1989. p. 7- 15.
- LUÍS DA CÂMARA CASCUDO. In: **Comunicação & Problemas**. INCINFORM. Vol. I – N. 02. Julho. 1965, p. 134. Em **Comunicação e Folclore**. Luis Beltrão. p. 144. 1971.
- MARILENA CHAÚÍ. Brasil mito fundador e sociedade autoritária. SP. 1ª ed. 2001. p. 5-6-9-12.
- SAIA, Luiz. **Escultura popular brasileira**. São Paulo: Gaveta. In: Oliveira, José Cláudio. **Ex-Voto: Media e Documento, Objeto Popular e Riqueza Museal**. 1944. 62p. 10 il.